



RESULTADOS

PESQUISA CAFEIRA

- SAFRA DE 2019 -



CNA



CAFÉ POINT

Pesquisa Safra Cafeeira 2019

A pesquisa foi realizada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Portal CaféPoint durante a Semana Internacional do Café 2019 (SIC 2019), entre os dias 20 e 22 de novembro, na cidade Belo Horizonte – Minas Gerais. A coleta das informações foi presencial, por meio do questionário aplicado a 296 cafeicultores.

Quanto às espécies cultivadas, 92% das respostas vieram de produtores de café arábica (*Coffea arabica*) e 8% de produtores de café conilon (*Coffea canephora*).

Com relação aos Estados representados na pesquisa, 69% são produtores em Minas Gerais, 16% no Espírito Santo, 3% em São Paulo, 1% no Paraná, 1% na Bahia, 1% Rondônia e 9% de outros estados (Figura 2). A maior participação de produtores de Minas Gerais era esperada, principalmente, pelo fato do questionário ter sido aplicado no estado. Além do fato de ser o maior produtor nacional.

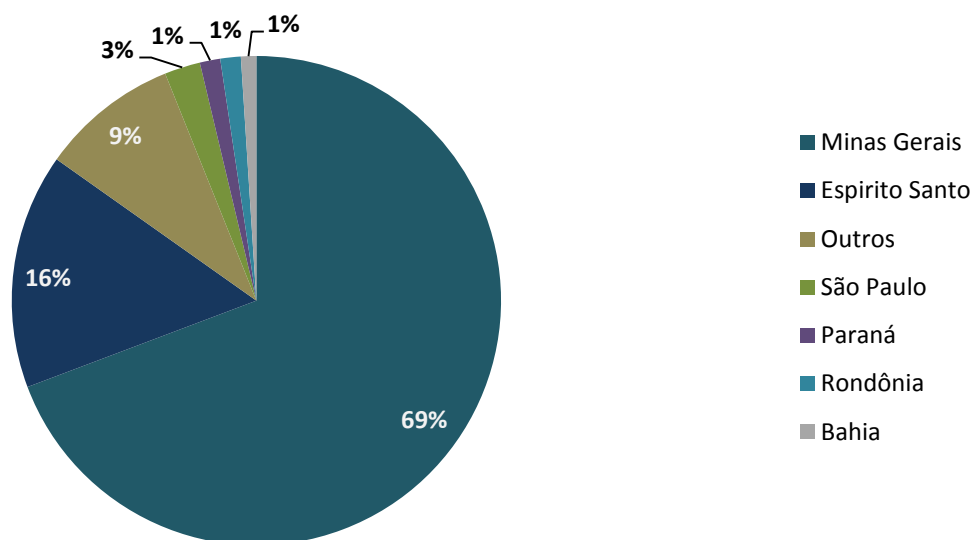


Figura 1: Estados que tiveram produtores participando da pesquisa de opinião Safra Cafeeira 2019.

Foram obtidas respostas de produtores das principais regiões produtoras do país. O maior número de respostas foi dos produtores do Sul de Minas Gerais, que representaram 24% das respostas, seguido pelas Matas de Minas e Cerrado Mineiro com 22% e 20% das respostas, respectivamente. (Figura 1).

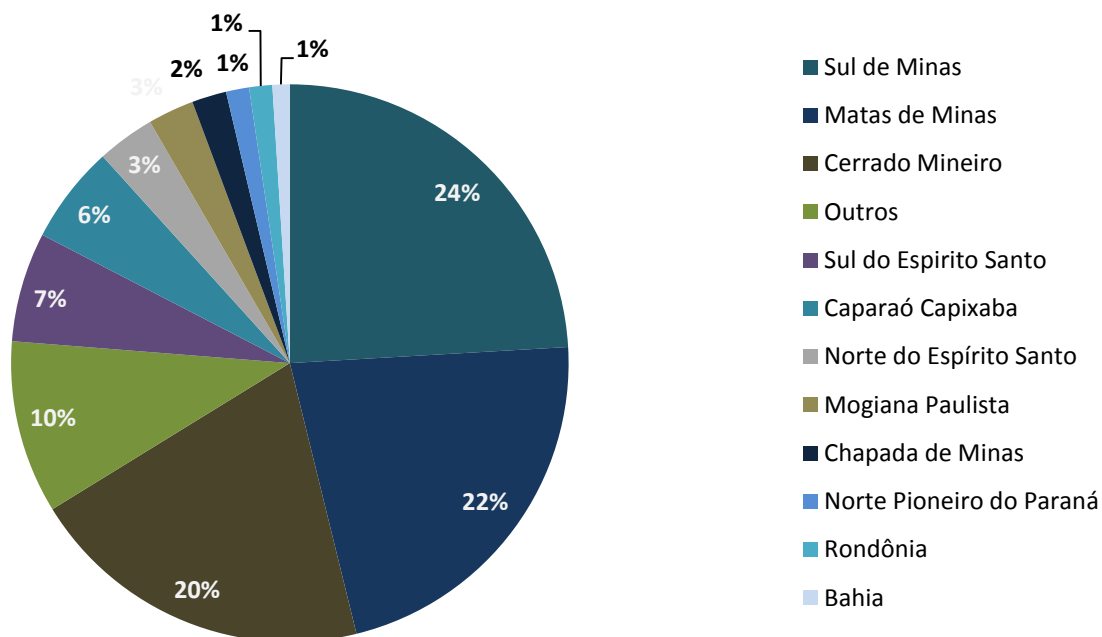


Figura 2: Regiões que participaram da pesquisa de opinião Safra Cafeeira 2019.

Perfil fundiário

As informações coletadas confirmam a contribuição das pequenas propriedades para a cafeicultura. Com base nas respostas é possível verificar que 70% dos produtores respondentes possuem propriedades com menos de vinte hectares, sendo que 35% tem propriedades com menos de cinco hectares. Propriedades entre 21 e 50 hectares correspondem a 16% da amostra e apenas 14% correspondem a propriedades com mais de 50 hectares (Figura 3).

Vale destacar que devido ao tamanho da amostra, as informações não possuem cunho científico e não devem ser utilizadas como informações oficiais. Porém, essas informações possuem similaridade com as levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – que é a fonte oficial de informação - e aponta uma grande contribuição das pequenas propriedades na cafeicultura. Com base nos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2017), 88% dos estabelecimentos com café possuem área inferior a 50 hectares. A maioria dos estabelecimentos (69%) possuem área entre 2 e 20 hectares.

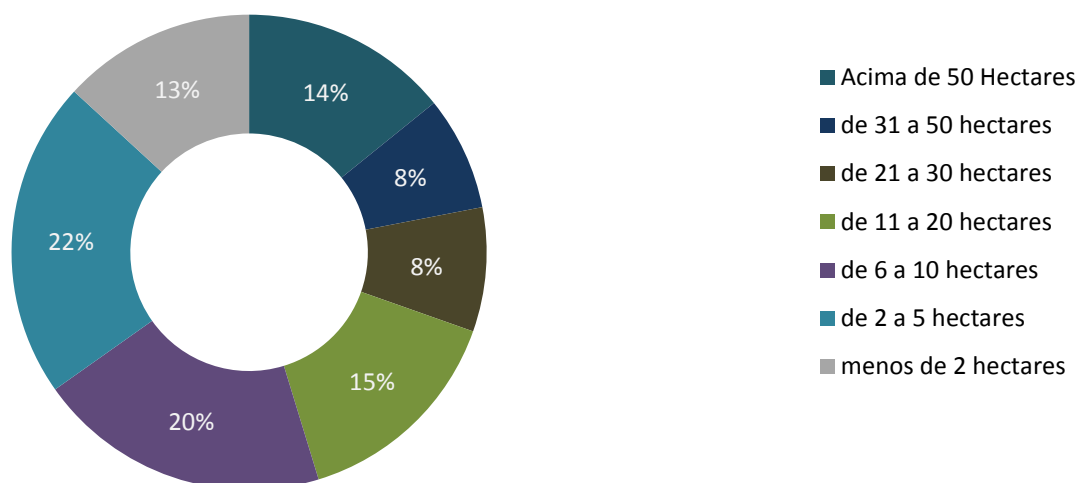


Figura 1: Distribuição do tamanho das propriedades em faixas (hectares).

Desempenho da produção e da qualidade

Como reflexo da bienalidade negativa e do clima desfavorável na safra 2019, os produtores relataram diferenças na produtividade e qualidade em comparação com a safra anterior. Dos entrevistados, 51% verificaram queda na produção, 16% obtiveram produção similar a da safra de 2018 e 33% aumento de produção. Com base nas respostas, pode-se concluir que 67% verificaram uma produção igual ou inferior a da safra colhida em 2018 (Figura 4).

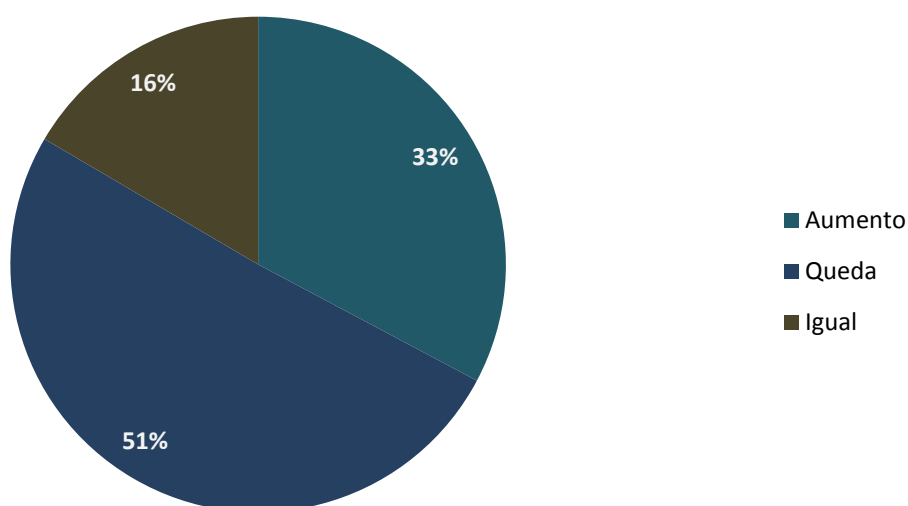


Figura 4: Variação na produção da safra de 2019 em relação à safra colhida em 2018.

Além da variação negativa de produção, observada por 51% dos entrevistados, verifica-se que as perdas ocorreram a taxas, levemente, superiores aos relatos de ganho de produção (Figura 5). Estes resultados condizem com o relatório de fechamento de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) divulgado em dezembro de 2019, que aponta quebra de 20% na produção entre a safra de 2018 e de 2019.

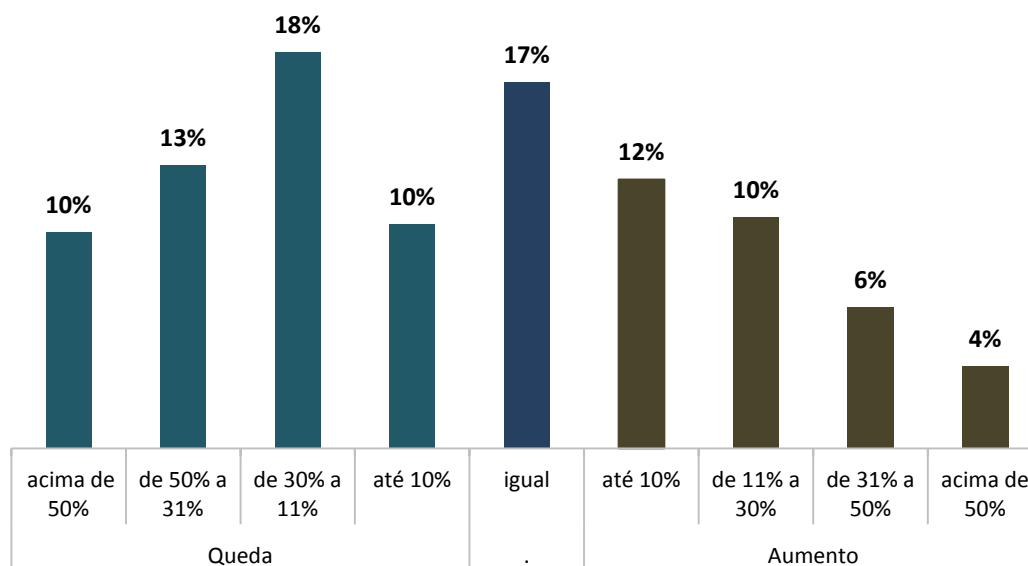


Figura 5: Níveis de variação na produção entre as safras colhidas em 2018 e a de 2019

Quanto à qualidade, os resultados comprovam o “drama” da safra em análise. Na contramão da safra histórica de 2018, a qual quebrou recordes de produção e surpreendeu pela qualidade de bebida, o volume de cafés finos foi significativamente menor em 2019. As condições meteorológicas adversas; má distribuição das chuvas durante o período de florada somada as altas temperaturas, refletiu em floradas múltiplas e desuniformidade de maturação dos frutos. Além disso, a ocorrência de precipitação durante o período de colheita prejudicou a secagem, convergindo em maior número de grãos defeituosos e menor qualidade de xícara.

Dos produtores entrevistados, 55% relataram que a qualidade foi inferior à safra de 2018, 20% consideraram a qualidade compatível com a safra passada e, apesar das adversidades climáticas, 25% dos produtores relataram ter alcançado qualidade superior a safra colhida em 2018 (Figura 6).

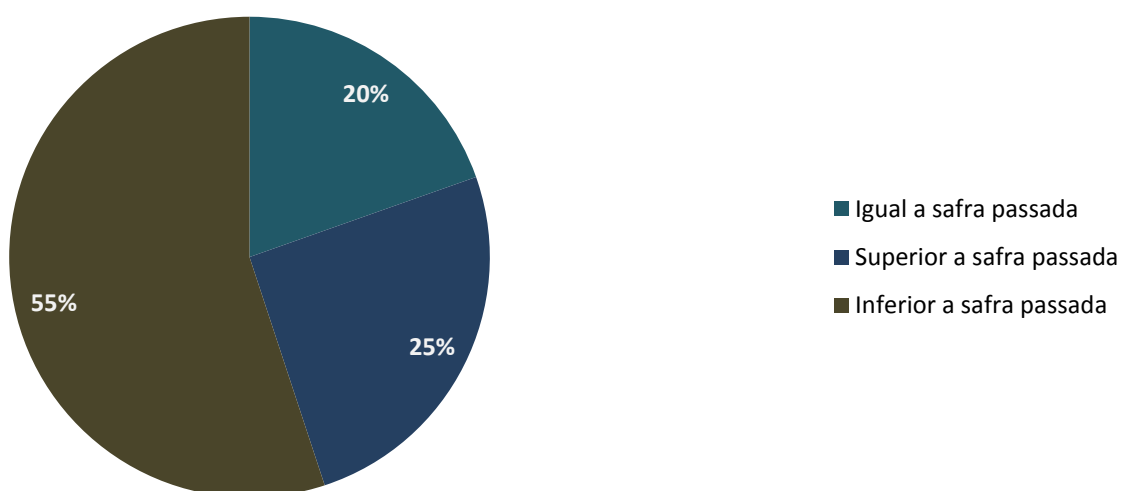


Figura 6: Variação da qualidade da safra 2019 em comparação com a safra 2018.

Os participantes também foram questionados sobre o tamanho e rendimento dos grãos observados na safra 2019, em relação aos anos anteriores. Apenas 16% mencionam a ocorrência de grãos graúdos, 52% relatam que os tamanhos dos grãos acharam-se dentro da normalidade e 32% notaram a prevalência de grãos miúdos (Figura 7). Essa informação corrobora com a de redução do volume colhido.

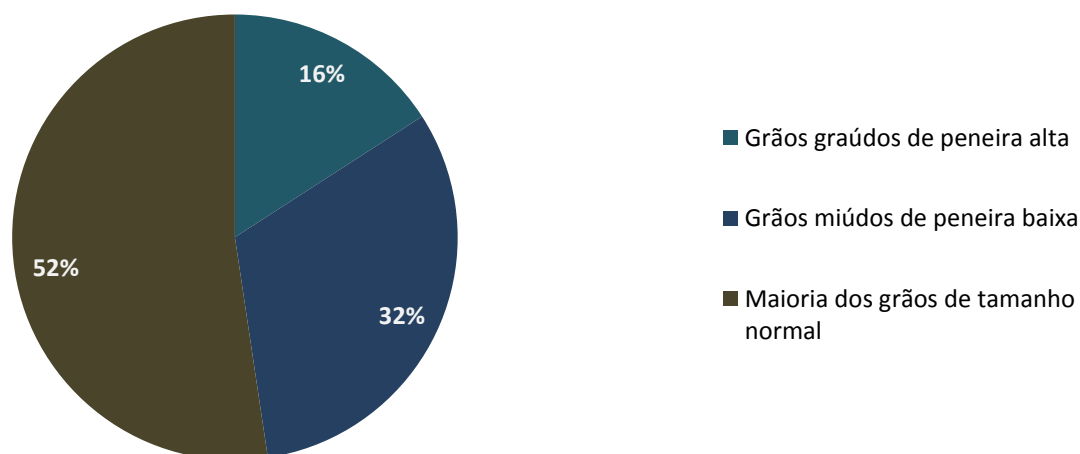


Figura 7: Características de tamanho de grãos observados na safra 2019 em relação às safras anteriores.

Com intuito de identificar possíveis causas para os problemas de qualidade e tamanho dos grãos apontados pelos os entrevistados, eles foram questionados sobre a verificação de déficit hídrico e floradas irregulares. A ocorrência de déficit hídrico foi mencionada por 71% dos respondentes e, em ocorrência similar, as floradas fora de época foram relatadas por 73% dos participantes da pesquisa. As informações encontram-se disponíveis nas Figuras 8 e 9, respectivamente.

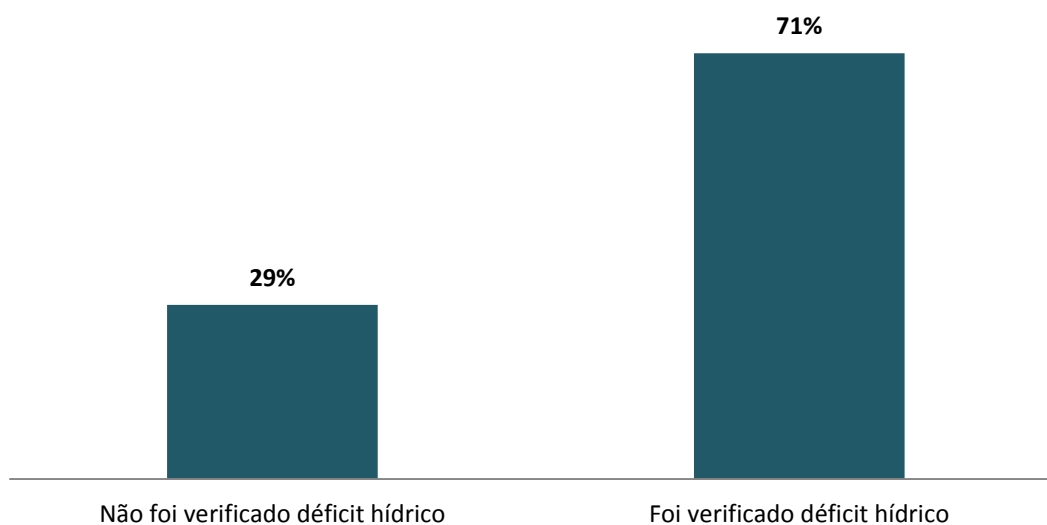


Figura 8: Apontamento pelos respondente de ocorrência de déficit hídrico na safra 2019

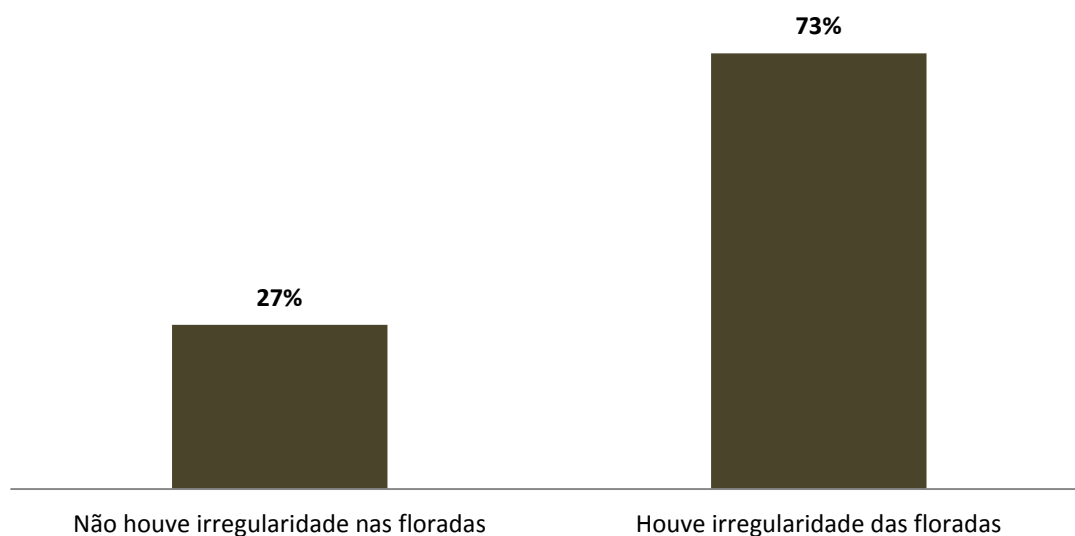


Figura 9: Apontamento pelos produtores da ocorrência de florada fora de época na safra 2019

Tecnologia de Colheita e Pós-Colheita

A tecnologia de colheita apontada pelos respondentes foi condizente com as condições topográficas e fundiárias das regiões dos participantes da pesquisa. Devido aos cultivos em declive, a mecanização ainda não é uma realidade da maioria das regiões produtoras de café do Brasil. Além disso, propriedades pequenas, mesmo que em boas condições topográficas, são inviabilizadas, financeiramente, de adquirirem máquinas para a colheita, devido ao alto investimento necessário para compra desses equipamentos.

Com isso, os métodos manuais de colheita foram responsáveis por 75% das respostas. A derriça manual com ausência de equipamentos foi apontada como a principal forma de colheita por 42% dos produtores. Em seguida, a colheita manual utilizando-se de derriçadora acoplada ao corpo correspondeu por 23% das ocorrências e a colheita manual seletiva foi responsável por 10% dos apontamentos como a principal forma de colheita. A colheita mecanizada representa 25% da amostra de entrevistados (Figura 10).

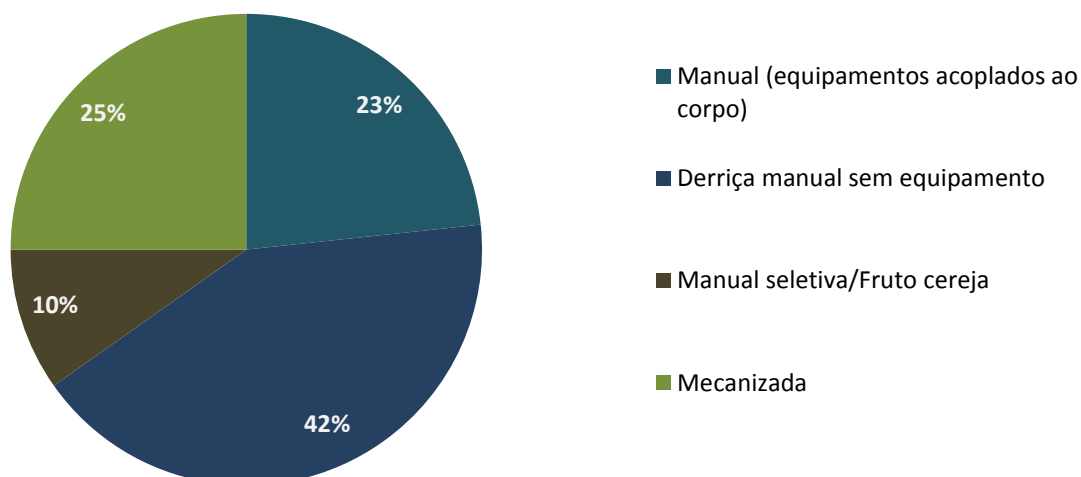


Figura 10. Métodos de colheita que foram utilizados na colheita de 2019 e apontados pelos produtores nas respostas durante a pesquisa.

Quanto as tecnologia de pós-colheita e secagem, elas são condizentes com a tradição brasileira na produção de café natural. O método de pós-colheita natural foi indicado com predominante em 85% das propriedades, cereja descascado e cereja descascado com fermentação em taques corresponderam por 14% e 1% das respostas, respectivamente (Figura 11).

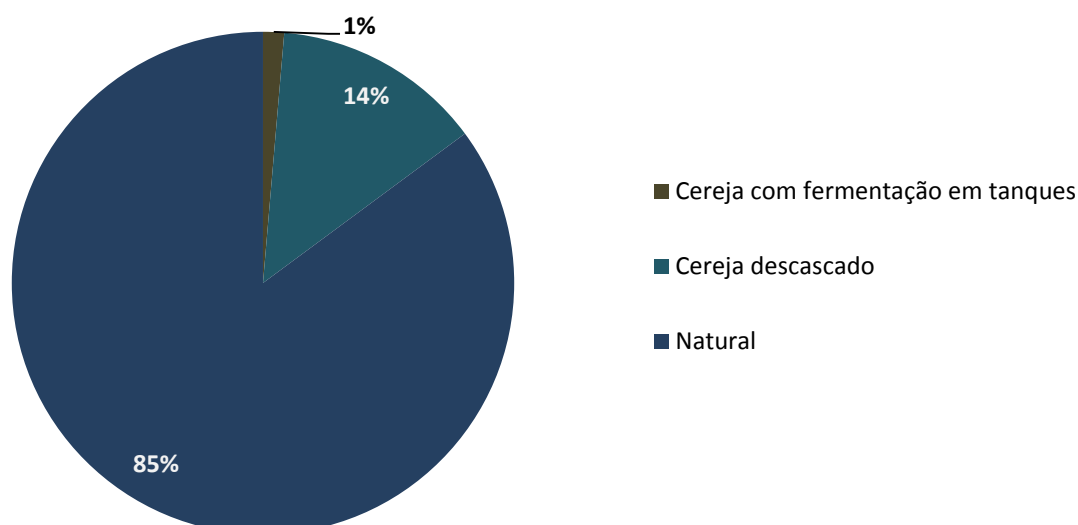


Figura 11: Métodos de Pós-colheita (via seca e húmida) utilizados na colheita de 2019 e apontados nas respostas durante a pesquisa.

Quanto ao principal método de secagem utilizado, os terreiros de cimento ou asfalto predominaram com 42% dos apontamentos, seguidos pelos secadores mecânicos que corresponderam por 34% das afirmações. A cama africana (terreiro suspenso) ocupou a terceira posição com 10% dos apontamentos. Os outros 13% foram divididos entre as estufas, terreiro de chão batido e aos produtores que não secam, ou seja, comercializam a safra antes da colheita, sendo a secagem de responsabilidade do comprador (Figura 12).

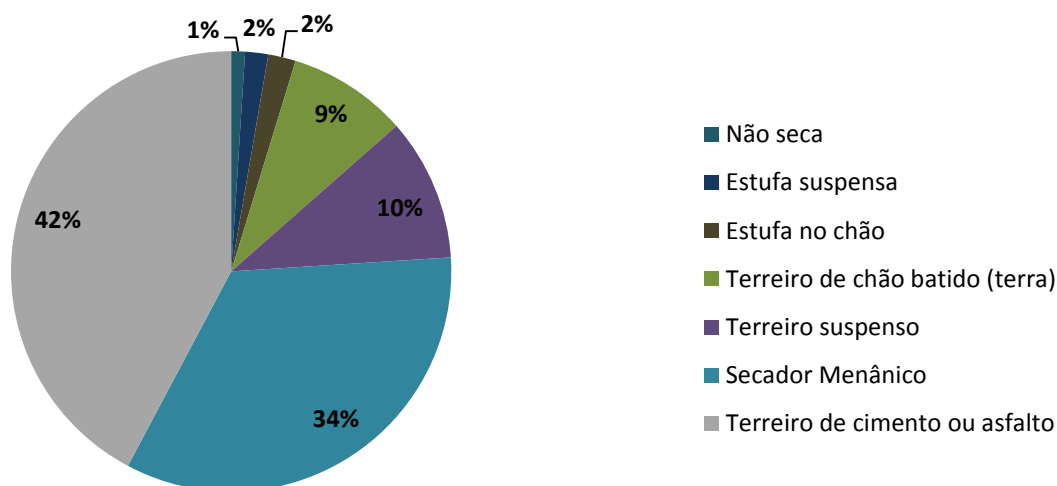


Figura 12: Distribuição dos métodos de secagem do café predominantemente utilizados na colheita de 2019 e apontados nas repostas da pesquisa.

Comercialização

Quanto à forma de comercialização, as pessoas foram questionadas sobre a realização ou não da venda futura da produção. Com base nas informações, foi possível observar que 60% dos respondentes não realizam a venda futura da produção de nenhuma natureza. Isso indica que esses produtores comercializam no momento da colheita, ou fazem a armazenagem na propriedade e/ou cooperativas para a posterior comercialização no mercado físico. Dos 40% que afirmam realizar a venda futura, 24% a realizam com as cooperativas, 9% fazem uso de outras formas de venda futura como corretoras e 7% celebram, por si só, contratos no mercado de valores.

Esse cenário é preocupante no que se refere à gestão de risco. Ao considerar as oscilações cíclicas, sazonais e voláteis do preço no mercado internacional, a comercialização futura é um mecanismo importante para gestão de risco e garantia da renda e deve ser considerada.

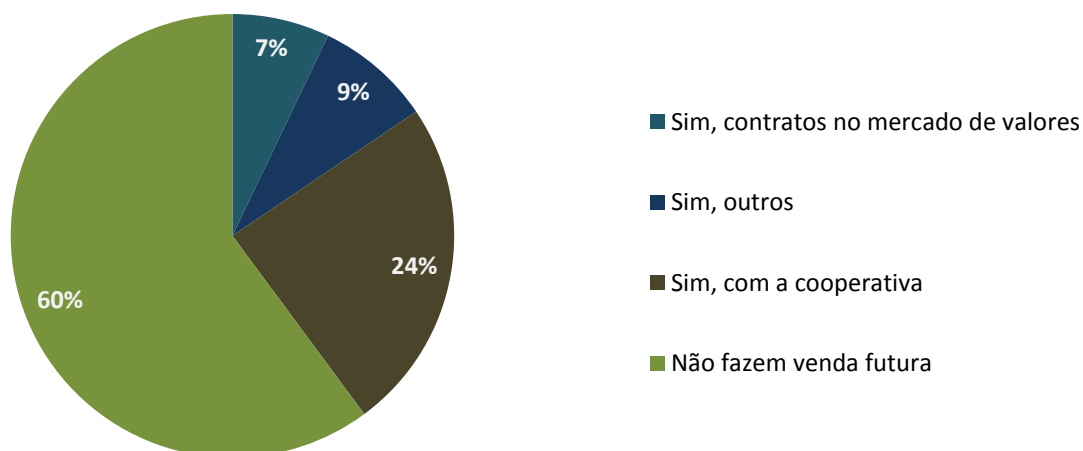


Figura 13: Descrição da realização ou não de venda futura da produção.